



Os sistemas de progresso também progridem...

Pedro Duarte Silva, Região de Lisboa

O que é um (ou o) sistema de progresso no Escutismo?

Este não encerra nem constitui o objetivo do Escutismo, bem como não é a sua principal característica, não obstante ser uma das mais frequente e comumente faladas portas adentro.

O sistema de progresso – uma das oito maravilhas do método escutista, não acima nem abaixo, mas a par das demais – é, simultaneamente, o fio condutor que permite orientar as crianças e jovens no seu percurso de autodesenvolvimento pessoal e a métrica que permite aferir este último.

Daí a importância de uma presença quotidiana, mas não opressiva, do sistema de progresso no percurso escutista. E mais, mais importante que a sua capacidade métrica – pois ninguém cresce mais por medir a sua altura diariamente – é a sua característica indutora e orientadora de um percurso de crescimento holístico, integrado e coerente, abrangendo as seis áreas de desenvolvimento pessoal.

Em segundo lugar, e não menos importante, há que perceber que os sistemas de progresso também progridem, isto é, acompanham os tempos que não param, adaptam-se aos desafios das crianças e jovens de cada geração, às oportunidades e desafios de cada época.

Também por isso, para os adultos que no Escutismo acompanham e orientam o autodesenvolvimento das crianças e jovens que lhes são confiados, o sistema de progresso é um permanente e progressivo desafio. Este não apenas existe para que eles evoluam, há, pois, que evoluir com ele, exatamente para que eles possam evoluir da melhor forma em cada tempo e lugar.

Entrei para o Escutismo em outubro de 1981, completaram-se já 40 anos.

Nestes, fui explorador júnior (explorador), explorador sénior (pioneiro), caminheiro e – desde 1989 – dirigente.

Nestes conheci sucessivamente três sistemas de progresso: aquele que vivi enquanto escuteiro, aqueles que apliquei enquanto chefe de unidade e de agrupamento, aquele que – enquanto secretário nacional pedagógico – ajudei a remodelar.

Três sistemas distintos, mas com um sentido na sua sucessão cronológica e, sobretudo, pedagógica.

Deles falarei...

NOS ANOS OITENTA, como escuteiro, conheci um sistema de progresso baseado em três classes (terceira, segunda e primeira classe), constituída cada uma das quais por um número fixo de provas, sobretudo de índole física e técnica, de conhecimentos de história, simbologia e organização escutista.

Desconheço quando, historicamente, adquiriu o formato que conheci; desconheço mesmo se existiu algum formato prévio ou se aquele não viria ainda, pelo menos na sua formatação e generalidade, dos primórdios do CNE.



Era um sistema que preparava muito especificamente para a vida em campo, a par de elevar a uma importância – nalguns casos que hoje acho excessiva – conhecimentos detalhados sobre a organização da associação e do movimento.

Mas um sistema uniforme e instrutório: igual para todos e baseado em provas que – na generalidade dos casos – passavam por uma examinação pessoal em termos de exposição oral ou demonstração prática.

A PARTIR DOS ANOS NOVENTA, já enquanto animador em unidades, conheci um segundo sistema de progresso, então lançado. Este novo sistema alargava já mais, e equilibrava, o âmbito temático, abrangendo dez áreas temáticas.

Organizado em quatro etapas, uma primeira de adesão (à secção e ao movimento) e três de progressão (autonomia/bronze, responsabilidade/prata e animação/ouro), sendo que nestas últimas aos elementos cumpria realizar uma prova obrigatória e uma prova facultativa (de entre as sugestões apresentadas) de cada uma das dez áreas temáticas. Cada uma das três etapas de progressão era ainda complementada com a realização de três tarefas livres (*realidades*), negociadas entre o elemento e o animador, de índole local, cultural e histórica.

Estavam assim introduzidas no sistema de progresso diversas novidades: o alargamento e reequilíbrio temático, a introdução de provas facultativas e a inovação das *realidades* que trazem para o sistema de progresso os princípios do projeto pessoal e da negociação elemento-adulto.

EM NOVEMBRO DE 2009, a Junta Central de então submeteu ao Conselho Nacional de Representantes, e viu por este aprovado, um novo programa educativo para o CNE, processo iniciado anos antes e cuja finalização, enquanto secretário nacional pedagógico na altura, me coube coordenar.

Este programa educativo, baseado na metodologia RAP (*Renewed Approach to Programme*) da Organização Mundial do Movimento Escutista veio trazer uma visão pedagógica mais centrada na pessoa de cada criança e jovem.

Partindo da proposta educativa do CNE, desenvolveram-se objetivos educativos, organizados em trilhos educativos, que pretendem associar às necessidades e aspirações das crianças e jovens em cada uma das seis áreas de desenvolvimento pessoal, a capacidades (conhecimentos, competências e atitudes) a serem por estes adquiridas.

Em cada secção, cada criança e jovem vive duas grandes fases: a integração (em que realizam a sua adesão e são sujeitos a um *diagnóstico* inicial) e a vivência (na qual evoluem nas etapas de progresso, estas renomeadas em função da mística e simbologia de cada secção).

E a proposta de progressão pessoal que é feita individualmente a cada criança e jovem, de acordo com a sua idade e maturidade, é que escolha um trilho (dois ou três objetivos, no caso do Clã) de cada área de desenvolvimento pessoal para trabalhar nesse ano, de acordo com as formas que escolher e negociar com o animador. À medida que for completando trilhos das seis áreas, vai progredindo para etapas subsequentes.

A progressão pessoal ocorre, pois, através das oportunidades educativas (atividades, desenvolvimento de competências específicas, assunção de cargos e funções, *etc.*), internas ou externas (família, escola,



desporto, catequese, voluntariado, *etc.*), que são criadas e proporcionadas, sendo a sua aferição já não numa lógica de provas, mas pela avaliação do desenvolvimento de conhecimentos, competências e atitudes no decurso das mesmas, e não pela mera participação numa atividade específica, envolvendo-se neste processo o próprio, os pares e os adultos que os acompanham. Desde a escolha dos trilhos, à negociação das oportunidades educativas com o animador e à avaliação pelo conselho de guias, o envolvimento ativo dos jovens é agora uma realidade omnipresente.

Estes foram os três sistemas de progresso que nestes quarenta anos conheci. Cada qual pretendeu responder cabalmente às necessidades, e nas circunstâncias, de cada momento temporal, bem como de acordo com visão pedagógica que então imperava na associação e mesmo na sociedade. As sucessivas reformulações, de espírito incrementalista, pretenderam introduzir um alargamento de âmbito, abrindo-o mais à sociedade e às diversas facetas do ser humano, e flexibilidade, melhorando a sua adaptabilidade à visão personalista que o CNE tem da educação, fomentando um crescente envolvimento dos jovens.

Nenhum foi ou é perfeito, nenhum foi ou será eterno.

O que é importante é que cada um, no seu tempo tenha cumprido, ou esteja a cumprir, a finalidade educativa do CNE, ao serviço do autodesenvolvimento pessoal de cada criança e jovem que lhe é confiado.

Mas, como tudo, os sistemas de progresso também progridem...